

COMO ESTIMULAR O HÁBITO DA LEITURA

SOUZA, Kelly Cristiane Alves de
kellybbz@hotmail.com

NASCIMENTO, Leide Jane Moreira
lidijane_nascimento03@hotmail.com

SANTANA, Tatiane Nascimento
tatianeninho@yahoo.com.br

LEITE, Tânia Regina Cardoso Santos (orientadora)
Licenciada em Letras – Português / Inglês – UFS, Pós-Graduação (Especialista)
Metodologia do Ensino Superior e Mestre: Comunicação Social – UFRJ, Prof^ª. do
curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trabalhar a construção do hábito da leitura, pois, através dela os alunos passam a construir conhecimentos, tornando-os sujeitos críticos e pensantes. Tal importância pode ser percebida quando o grau de interesse desses alunos passa a ser estimulado. Com isso a intenção desse artigo é fazer com que tais alunos reflitam sobre os resultados dessa prática. Sendo assim, a partir do momento em que o aluno passa a ler com mais frequência, procurando leituras que sejam de seu interesse, seja gibis, revistas, ou até mesmo literatura, essa leitura tornar-se-á, portanto, uma leitura mais prazerosa. Nesse aspecto, verificar-se-á como a intenção desse trabalho será objetiva e eficaz. Assim como todas as autoridades do Estado, da comunidade e escola, todos os professores, pais e pedagogos, precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação, essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento, pois, o “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.

PALAVRAS-CHAVES: Leitura, motivação, linguagem.

COMO ESTIMULAR O HÁBITO DA LEITURA

O projeto de pesquisa: Como estimular o hábito da leitura será realizado através da pesquisa bibliográfica. Esta abrange a leitura, a análise e interpretação de livros periódicos, textos legais, etc. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar de anotações que eventualmente poderão servir à fundamentação teórica do texto.

Além da elaboração de um trabalho, a pesquisa bibliográfica também tem a finalidade de auxiliar a delimitação de um tema, proporcionar conhecimentos para a participação em eventos de caráter científico e fornecer subsídios para outros tipos de pesquisas.

O processo inicial da pesquisa bibliográfica deve-se a escolha do tema, que deve basear-se nos critérios de relevância e adaptabilidade em termos de conhecimentos sobre a área a que o assunto subordina.

Para que a pesquisa seja satisfatória, devem-se levar em consideração as perspectivas não só referente a outros trabalhos acadêmicos, mas também no que diz respeito à especialização profissional em determinada área.

Segundo Marconi e Lakatos (1990 p.66), “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade, colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Portanto, o estudo só acontece quando a pesquisa dos documentos, artigos, livros for acompanhados de uma análise profunda do conteúdo, sem ignorar a herança do conhecimento.

Pode-se observar ainda que a falta de leitura deve-se a partir da educação familiar, ou seja, na medida em que os pais não estimulam a criança a ler, ela necessitará ainda mais de uma orientação em sala de aula, pois chegando lá, esse aluno tem que se situar

num universo de descobertas, mas para que isso aconteça, o profissional tem que descobrir técnicas de leituras do interesse desse, pois sendo assim será mais fácil prender a atenção do mesmo.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e de forma correlata, estimular uso total da inteligência geral. Este uso total pede livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência.

A aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura. A maior, e mais significativa consequência do processo de escolarização, especificamente, da aquisição da escrita, é o processo de descontextualização de linguagem, que permite, entre outros fazeres, a integração à distância, com um interlocutor não imediatamente acessível, e que já construiu seu texto sem a intervenção imediata, direta do leitor. (KLEIMAN, 1997, p.07).

O interesse pela leitura é um ato relevante para o desenvolvimento da capacidade do aluno em tornar-se de forma dinâmica um co-participante das mudanças societárias. Para desenvolver essa capacidade é primordial o professor valorizar o conhecimento prévio de seus alunos e proporcionar situações que favoreçam a ampliação desse conhecimento.

No meio escolar, há o fato de se assimilar essa concepção que privilegia basicamente uma decodificação de letras em sons da fala, projeta consequências seríssimas, sendo a principal delas a formação de analfabetos funcionais, aqueles para quem as palavras são desprovidas de significação. É bem verdade que, em menor proporção, há aqueles professores e/ou alunos cuja concepção escolar de leitura privilegia a significação do que foi dito, a apreensão do real.

Precisa-se perceber que a leitura empregada tem um espaço cada vez menor no meio escolar, que o ambiente de letramento do aluno é pobre, sem contar com o agravante de que alguns professores têm uma formação precária, não são leitores e, no entanto, têm que ensinar a ler e despertar o gosto pela leitura.

Sendo assim, a leitura é vista de forma muito generalizada e complexa no que diz respeito à sua prática. É necessário antes de tudo, conceituá-la a partir de algumas vertentes. Segundo Irané Antunes (2003), a atividade da leitura estabelece uma relação de interação entre sujeitos e admite muito mais que a simples decodificação de sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua de forma participativa buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor. Portanto, a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções propostas pelo autor.

O trabalho com leitura, no que se refere às atividades de ensino, também se encontra em uma atividade sem interesse e sem função, ou seja, aparece inteiramente sem qualquer vínculo dos diferentes usos sociais que se faz dela atualmente. Portanto, uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, transformada em momento de treino, para futuras cobranças, reduzida a momentos de exercícios, leituras em voz alta, realizada quase sempre com interesses avaliativos, tornado-se uma atividade incapaz de produzir no aluno a compreensão das múltiplas funções da leitura.

De acordo com Bamberg (2002), todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que lêem na fase do seu desenvolvimento escolar, pois, para o autor, o “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.

Bamberger (idem, íbdem) diz que, “comparada ao cinema, ao rádio e à televisão, a leitura tem vantagens únicas. É tanto que, em vez de precisar escolher dentre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher dentre os melhores escritos do presente ou do

passado. Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura, interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu bel-prazer. Lê o que, quando, onde e como bem entender. Sendo assim, essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento”.

Pérez (2001) trata a leitura de maneira mais técnica, de modo que, para ele, essa prática é uma atividade cognitiva que requer um sujeito envolvido na obtenção de significados e na busca da compreensão, ou na interpretação do conteúdo, se for aceito que a compreensão é relativa e que é possível mais de um significado interpretativo.

O autor comenta como deve ser estimulada a leitura. Segundo ele, para fazer com que as crianças participem de atividades de leitura e escrita, a escola precisa criar pontes entre as práticas de leitura e da casa, da escola e da comunidade, oferecendo aos alunos um contexto e um sentido, um propósito e uma finalidade significativa e relevante, estimulando a utilização de estratégias similares às usadas pelos sujeitos alfabetizados fora do âmbito escolar, para compreender e aprender a partir de um texto escrito ou para exprimir e comunicar idéias por escrito, como meio dos alunos aprenderem na escola os usos sociais e culturais da língua escrita e suas estratégias de utilização autônoma e crítica. Partindo dessa prática, Pérez acredita que esse processo de leitura será mais espontâneo e eficaz.

Segundo Ruiz (1996), não basta ir às aulas para garantir pleno êxito nos estudos, é preciso ler, e principalmente, ler bem, pois quem não sabe ler não saberá resumir algo e conseqüentemente não saberá estudar, pois para ele a leitura amplia e integra os conhecimentos, desonerando a memória e abrindo cada vez mais horizontes do saber, facilitando sua comunicação, enriquecendo o vocabulário, disciplinando a mente, alargando a consciência e criando dessa forma uma visão diferente, ou seja, uma visão crítica.

É preciso ler, ler muito, ler bem. É preciso sentir atração pelo saber, e encontrar onde buscá-lo. É necessário iniciar este trabalho com determinação e preservar nele; o crescimento cultural tem crises como o crescimento físico; quem não sente apetite não deve deixar de alimentar-se. Comprometeria sua saúde. Também na leitura trabalhada devemos ser

perseverantes; só esta perseverança garantirá aquela espécie de “saltos” de integração de dados, que se vão acumulando e associando como frutos da leitura continuada..(cit. 1996, . P. 35).

De acordo com Silva (1998), é muito difícil, senão impossível, refletir sobre diferentes vertentes do trabalho escolar sem considerar o processo de busca e produção do conhecimento. Segundo ele, a escola tem por responsabilidade proporcionar condição para que os seus alunos conheçam ou recriem o conhecimento em diferentes áreas, através de pesquisa, a escola lança-se ao desafio de criar ou produzir o conhecimento que ainda não existe, e analisar os problemas da realidade circundante e acionar os seus conhecimentos e tentar diminuir e ou resolver tais problemas.

O autor (idem) acredita que a leitura ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque. Se for relativamente fácil constatar a presença da leitura na escola, torna-se um pouco mais fácil as condições de produção da leitura. A importância e a necessidade do ato de ler, para professores e alunos, são indiscutíveis, contudo, é necessário analisar criteriosamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escolar.

De acordo com Silva (1998), não se forma um leitor com uma ou duas cirandas, nem com uma ou duas sacolas de livros, se as condições sociais e escolares subjacentes à leitura não forem consideradas e transformadas. O ato de ler, se devidamente enraizado na vida do sujeito, não pode ser saciado nos limites fechados de acervos paternalmente doados às escolas. A decorrência da falta de leitores é a própria falta de leitura dos professores, pois se estes não gostam de livros, não sentem prazer na leitura, e dificilmente modificará a paisagem atual da leitura escolar.

Portanto, de nada vai avançar o acesso à leitura, sem a presença de professores devidamente instrumentalizados em comunicação escrita. O autor ainda chama a atenção para outro fato bastante discutido sobre a leitura.

“Erra quem pensa que a leitura é uma questão de dom, herança genética ou ‘passe de mágica’. Assim o fosse, seria possível determinar os “iluminados da palavra” no sentido de

enviá-lo à escola um absurdo lombrosiano e uma reprodução maluca da ideologia fascista da predestinação”! (SILVA, 1948, p. 47).

Com isso, é interessante que a escola desperte o aluno para a criticidade, apesar das adversidades. É necessário resgatar o leitor da palavra escrita. Se o aluno no seu universo escolar ou fora dele não tem contato com leituras de qualidade, é função da escola reverter esse quadro. O professor tem que ser extremamente responsável no que concerne à formação do aluno leitor, respeitando a necessidade de cada um.

É preciso, ainda, oferecer-lhe textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, é necessário estimular o hábito de leitura. Segundo o PCN de língua portuguesa (1997, p.32), “a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura é o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”.

O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos e não de palavras e temas apenas ligados à experiência do educador.

Embora as crianças ainda não saibam ler, podem interagir com a leitura por intermédio do professor, pois, para que a criança leia é necessário esperar que ela aprenda a ler: o professor faz essa mediação, quando lê textos de boa qualidade para seus alunos.

A importância de ler para as crianças reside em colocá-las num contato íntimo com a escrita, consiste em desmistificar o ato da leitura, colocando-o ao alcance da criança. Assim, ela irá colhendo dados que a auxiliem a desvendar o mistério que é para ela o ato de ler. Segundo Ferreiro (apud FARIAS, 1987 p.171), “aprender a ler, tal como a leitura fluente posterior, é certamente um processo cognitivo; mas é também uma atividade social, fortemente imbuída da interação com o professor e os companheiros”.

Vale ressaltar que não existe um método específico para o trabalho com a leitura, mas, em contrapartida, compete ao professor conduzir o processo de forma a ser um mero transmissor de conteúdos. Para isso, o professor necessita aprofundar-se mais em questões inerentes à leitura; necessita ter discernimento sobre o lado humano, sobre a pessoa do aluno, visando compreender suas expectativas. Trabalhar com leitura é também saber sobre a realidade social do país e sobre as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. O docente deve ainda assegurar demonstrações adequadas de leituras aos alunos em situações que sirvam a objetivos específicos nos quais eles possam encontrar sentido. Por isso mesmo, não basta ler palavras é preciso ir mais além, percebendo a multiplicidade de fatores que envolvam a leitura. “Como existe um abismo grande entre a teoria e a prática é claro perceber que a falta de hábito de ler na escola é fato”. (FREIRE, 1985, p.11).

A escola deve prestar esse serviço; deve contribuir com o desenvolvimento intelectual do indivíduo, mas, para isso, deve extinguir do meio práticas pedagógicas absolutas, tem que privilegiar a leitura enquanto processo reflexivo e transformador. A leitura é importante quando segue uma trajetória significativa e quando, independente do tipo de texto, consegue extrair a compreensão da realidade.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa construir uma resposta que faz parte das novas informações que se tem.

Entender o mundo das letras, sobretudo nos centros urbanos, é, para a criança, a possibilidade de começar a utilizar alguns códigos do mundo adulto, bem como a de dar significados consistentes às inúmeras grafias com as quais ela se defronta todos os dias. Sem dúvida esse é um processo muito rico para criança, muito envolvente e desafiador para o professor. (SILVA 2002, p.35).

A leitura permanece sendo o centro das preocupações tanto da escola e dos pais quanto na formação de adultos e da política cultural. Para aprender a ler, é preciso desenvolver uma atividade léxica praticando a leitura.

Os apoios na compreensão imediata são formas discretas de ajuda, no momento em que uma criança ou um grupo de crianças está “questionando” um texto e construindo seu sentido, o qual se esclarece, cada vez mais, graças às perguntas, aos indícios coletados, às hipóteses formuladas e verificadas, partindo-se do contexto. (JOLIBERT, 1994, p.50).

Bamberger (2002) acrescenta ainda que, além da orientação relativa à natureza e ao processo da leitura, o objetivo da educação literária é também importante para o ensino eficaz, pois, é fundamental trazer para a escola textos motivadores para trabalhar a leitura. Ler somente o livro didático, em sala de aula e apenas quando o professor pede, não contribui para formar um novo aprendiz e, conseqüentemente, para formar um bom leitor.

A escola, através dos professores, alunos e os que a administram, deve preocupar-se não somente com a transmissão de conhecimentos, como também sobre as condições de produção desse conhecimento. “Se há crise de leitura, ela se encontra nessa lentidão e nessa desigualdade, comparados às necessidades que se prevêem e que demandariam avanços muito mais rápidos”. (Foucambert, 1997, p.37).

Na busca de um ensino melhor no contato escolar e conseqüentemente o interesse dos alunos para com o hábito da leitura, Smith (1999, p.15) retrata que, “a leitura não pode ser ensinada, mas, apesar disso, os professores e outros adultos têm um papel básico a desempenhar e é deles a grande responsabilidade de tornar possível a aprendizagem da leitura”.

Curto, Morillo e Teixidó (2000, p.104), acrescentam ainda que no uso de diferentes códigos a serviço da expressão ajustada ao contexto. “A linguagem oral, a linguagem escrita e os sistemas de comunicação não-verbal relacionam-se entre si na

comunicação, para expressar sentimentos, desenvolver a sensibilidade, comunicar mensagens, representar, obter prazer, compartilhar significados, atribuir sentido e conhecer a realidade”.

É importante frisar que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível, como aponta Lajolo (1999, p.108), “a leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro”.

Dentro da visão predominante que se tem em nossa sociedade, a escola teria o papel de preparar o cidadão para o exercício de determinadas funções sociais imediatas, porém, o acesso a tais informações deve contribuir para essa aptidão.

Ao conhecer a importância da leitura na escola, o aluno passa a freqüentar as bibliotecas e buscar livros e textos do seu interesse e aprender a conhecer e diferenciar o pensamento dos autores, por conseguinte, desenvolve e elabora sua opinião a respeito do assunto que se está lendo e adquire conhecimento.

Pesquisas mostram que a prática da leitura é necessária ao desenvolvimento dos alunos, pois inúmeras situações escolares exigem que se tenha tal prática. Aqueles que procuram um facilitador de processos construtivos encontrarão na leitura o que se precisa: prestigiando o processo de construção do conhecimento, a leitura valoriza o descobrir, o criar, o interpretar, o experimentar e o escrever.

Atualmente, sabe-se que a prática de leitura leva o aluno a um vasto campo de idéias e métodos de muito valor quando se trata do desenvolvimento intelectual do aluno, possibilitando a formulação de hipóteses de leitura e a relação entre textos e experiências vividas. É, portanto, tema fundamental, pois leva o aluno ao exercício da comunidade, mostrando que é capaz de falar e escrever com eficácia e originalidade. Nesse sentido eles vão perdendo paulatinamente o predomínio do “pensar” sobre o “contar”.

Apesar de esses aspectos serem fundamentais no contexto escolar, nem sempre a escola tem realizado um trabalho que privilegie os alunos, isso se deve ao fato da escola, ainda hoje ser a guardiã de tradições, pois utiliza “uma metodologia embasada nas práticas tradicionais de ensino em que a leitura e a escrita estão voltadas apenas para a decifração e a decodificação lingüística. (CAGLIARI, 1998, p.18).

Assim, o leitor tem sido aquele que apenas é capaz de decodificar o código lingüístico, quando na verdade a formação do leitor acontece antes mesmo dele chegar à escola. Como bem expressa Cavalcante (2001, p.36), “ser leitor é poder entender e ampliar a compreensão do mundo é estar em permanente relação como o eu / outro. É a descoberta de si através do que se projeta no texto, é, enfim, poder ler-se no outro que está no texto que, às vezes, é diferente e outro, igual. Desse modo, a leitura ocupa, sem dúvida, um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações”.

Os conhecimentos, as experiências que um indivíduo possui sobre o mundo vão construir um elemento primordial na compreensão da leitura. Compreender é estabelecer pontes entre o conhecido e o desconhecido. Ler é encontrar, completar e enriquecer um mínimo de informações e de experiências prévias. Compreendem as atitudes gerais frente à leitura, aos interesses e a motivação do leitor. “Em toda aprendizagem, há o que o aprendiz pode fazer e o que ele quer fazer” (GREGORIE et PIERART, 1997, p.36).

Partindo da idéia de que os professores devem expor a importância da prática de leitura, os autores: Curta, Morillo, Teixidó (2000, p.174) afirmam que, “durante a leitura, não permanecemos passivos se queremos nos aprofundar no significado. Enquanto lemos, simultaneamente pensamos, avaliamos, formulamos perguntas”.

O leitor deve desfrutar desse imenso poder, ainda que seja extremamente volátil; mas, não obstante essa compatibilidade, o autor precisa crer na existência desses evanescentes seres de óculos, e, mais ainda, crer que há vida inteligente por detrás dos óculos.

Deve-se concordar com Freire (2002, p.61) quando ele diz que, “sendo o homem o sujeito de sua própria história, toda ação educativa deverá promover o indivíduo, sua relação com o mundo por meio de consciência crítica, da libertação e de sua ação concreta com o objetivo do ensino da leitura o desenvolvimento do gosto literário e da capacidade crítica quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir-lhes o horizonte”.

A falta de estímulo dos alunos para com a leitura e compreensão dos diversos textos contribui para a falta de criatividade, bem como o não desenvolvimento do senso crítico. Para Freire, “a leitura verdadeira compromete de imediato com o texto que se dá e de cuja compreensão fundamental vai tornando sujeito também”. (FREIRE 1996, p.243).

Segundo Poel (1997, p.28),

Ao estudar um texto, em função de conhecimentos novos e mais aprofundados a respeito da prática social contida nele, toda a atenção na educação recai sobre a necessidade de descobrir a mensagem. O sentido do texto está marcado por um determinado grupo social que, de uma ou outra maneira, está preso à sua visão do mundo, à sua ideologia particular ou à uma corrente ideológica geral. Entender o discurso no seu pleno sentido significa, então, desvendar o conteúdo destes “vícios ideológicos”.

Essa mesma autora ressalta que a concepção do mundo é restrita e limitada à vida prática. Mostra também que numa era de “mundialização”, uma minoria da sociedade participa das grandes mudanças que estão ocorrendo, com o perigo de ficar isolados ou excluídos. A esse respeito Silva e Zilberman (1995, p.45) dizem que, “todo e qualquer texto é marcado pelo horizonte social de uma determinada época ou de um determinado grupo social, isso é, está carregado ideologicamente”.

Para Soares (1997, p.45), é preciso gerar oportunidades para que o aluno adquira novos conceitos, palavras, conhecimentos, num contexto de relações internas e externas, entre as coisas, umas com as outras, pois o conhecimento é adquirido pela criação de relações e não apenas pela exposição de fatos e conceitos, isoladamente.

O conhecimento é construído através da interação do sujeito com o objeto. Essa interação é importante para fortalecer as bases do pensamento e da linguagem.

Segundo Zilberman (1998), por estar integrada a um processo histórico, a leitura é dinâmica e, ao mesmo tempo fator de dinamização daquele processo. De um lado, o exercício individual pouco coletivo da leitura resulta do funcionamento das instituições (como escola ou a linguagem enquanto sistema) criadas pela sociedade; de outro, ela (a leitura) favorece ou não o desenvolvimento e a afirmação de tais instituições.

Para Ezequiel Silva (1998), a linguagem possibilita a existência de objetos a serem lidos, que podemos chamar de “textos”, envolvendo todas as suas manifestações possíveis e aceitas na qualidade de formas de comunicação entre as pessoas assim, a leitura, quando produzida, confirma a existência dos setores da sociedade.

Da sua parte, escola ensina como ler começando pela alfabetização e chegando ao estímulo, ao consumo, à fruição e à valorização dos produtos tidos como elevados, qualidade usualmente conferida à arte e à literatura. Por isso, a eficiência do ensino viabiliza ou não a socialização dos textos a que dá acesso, sendo que, em caso negativo, a escola acaba por comprometer sua própria continuidade. (op. Cit, idem, ibidem, 1998, p.27).

Sabe-se que o trabalho com a linguagem e, conseqüentemente, o ensino da leitura nas escolas brasileiras vão de mal a pior. Eis porque é imprescindível o estabelecimento e a expansão do chamado “espaço de contradição” dentro da escola e das aulas de leitura, a fim de se defrontarem posturas e metodologias esclarecidas e inócuas com outras propostas de encaminhamento e orientação da leitura, embasadas teoricamente e viabilizadas politicamente pelos professores.

O estímulo para a leitura e a expansão de idéias em busca de aprimorar seus conhecimentos contribuem para além do crescimento intelectual como também para o diálogo crítico permanente com a realidade.

O hábito de leitura é uma prática não freqüente entre os alunos, que muitas vezes caem no comodismo de não pesquisar e elaborar uma opinião diante do assunto lido ou pesquisado, para obter assim, um melhor aprendizado.

Segundo Paulo Freire (1997, p.58), “a importância do estudo da língua portuguesa adquire um bom gosto pela linguagem, diante da alfabetização o aluno constrói sua linguagem e escrita, onde se tem uma visão crítica da realidade”.

Através da prática de leitura é que se desenvolve um pensamento crítico e questionador a respeito de determinado assunto, como nos diz Bamberger (2002, p.97), “a leitura desprovida de crítica pode levar à simples aceitação mecânica de argumentos e situações. Por isso é que, é tão importante desenvolver as capacidades críticas juntamente com as capacidades de leitura”.

Grégorie e Piérart (1997), afirmam que a relevância da especificidade do distúrbio de cada indivíduo aparece, ao contrário, como uma necessidade para uma incumbência eficaz. Requer instrumentos adaptados, construídos minuciosamente, para servir de reveladores de determinadas deficiências.

A participação dos pais e que estes sejam informados, parceiros para compreenderem as deficiências dos seus filhos e assim contribuírem para o aprendizado destes. Ressalta-se o interesse de ler naturalmente com os filhos tudo o que faz parte da vida familiar e atender suas expectativas. Para Smith (1999, p.50), “uma pesquisa extensiva em diversas culturas contínuas que as crianças se tornam leitoras, quando são engajadas em situações nas quais a linguagem falada quando estão em contato com as pessoas que usam a fala de maneira significativa”.

Quando não se entende o que se está lendo, não se consegue lembrar depois. A compreensão se perde no congestionamento da memória no momento em que existe a

preocupação em entender palavras individuais corretamente ou ter medo de perder algum detalhe significativo.

Portanto, o professor deve procurar conhecer a realidade escolar, bem como as dificuldades no aprendizado dos seus alunos. “Essa análise crítica, que nos leva a uma compreensão mais profunda do significado da frase, supera a visão ingênua que, sendo simplista, nos deixa na periferia de tudo o que tratamos”. (Freire, 1979, p.45).

No que concerne à educação, deve-se preparar o cidadão para julgar e agir diante das imposições da vida social e profissional. “Fazer viver uma aula cooperativa é efetuar uma escolha de educador e significa acabar com o monopólio do adulto que decide, recorta, define ele mesmo as tarefas e torna asséptico e meio”. (Jolibert, 1994, p.20).

Em virtude disso, enquanto prática pedagógica, observa-se com atenção a necessidade dos alunos que sentem dificuldade em ler e interpretar textos através da leitura e, por conseguinte, desenvolver pesquisas exploratórias.

Particularmente, objetivou-se o atendimento ao aluno no que diz respeito às suas características, necessidades, habilidades e interesses próprios, visando ajudá-lo a crescer e a se relacionar melhor com o meio em que está inserido.

Os professores devem, então, contribuir para que seus alunos possam buscar na leitura uma maneira de crescer e adquirir conhecimento e, para isso, procurar uma forma de aprendizagem mais dinâmica e participativa que não se resumisse em leitura simples e repetitivas na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste projeto partiu da necessidade de analisar os fatores que contribuem para a falta de hábito da leitura. De acordo com as pesquisas realizadas, foi possível perceber os principais problemas que crianças entre 10 e 11 anos enfrentam.

Sabe-se que nessa fase a criança já está com parte de sua personalidade formada, então, é nesse momento que ela começa a dar prioridade às suas necessidades. Portanto, se ela começar desde cedo interessar-se pela leitura, é bem verdade que se tornará um leitor assíduo.

Práticas de leitura que estimulem o aluno a ler, deve ser uma busca constante do professor. Neste contexto, o professor deve saber colher bons textos e livros para desenvolver um trabalho envolvente e construtivo com seus alunos. Um livro bom de ler é aquele que consegue envolver e identificar pela emoção ou pelo interesse em seu contexto.

Uma das propostas deste projeto é construir uma ponte entre professores e alunos, com o intuito de promover o conhecimento para ambos. Os educadores podem certamente engajar-se de maneira militante na conscientização coletiva, mas eles não podem ir muito longe à antecipação de reivindicação social que se mantém fundamentalmente ambígua mesmo quando parece exigir algo novo.

Nessa perspectiva, o professor passa a assumir uma nova postura, deixa de ser o dono do saber e volta-se para um tipo de trabalho através do qual o sujeito enquanto leitor possa produzir um maior número de significações para os textos lidos, diferindo-se do ensino tradicional escolar.

O professor deve contribuir para que seus alunos possam buscar na leitura uma forma de crescer e adquirir conhecimento. E, para isso, é importante procurar formas de

aprendizagem mais dinâmicas e participativas que não se resumisse apenas às leituras simples e repetitivas em sala de aula.

O projeto é direcionado para os professores, pois cabe a eles a responsabilidade do bom desempenho e motivação dos alunos, não só em sala de aula, mas também fora dela. Essas considerações levam a refletir sobre as práticas de leitura aplicadas nas escolas, pois parte delas não está contextualizada com a realidade do aluno e acaba se revertendo de forma inútil para ele.

Espera-se que esse trabalho de incentivo e motivação às novas práticas possam contribuir como fontes de consulta para futuras análises.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: editora Ática, 2002.

CAVALLO, Guglielmo. História da leitura no mundo ocidental. Ática, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FULGÊNCIO, Lúcia. Como facilitar a leitura. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GREGORI, Jacques. Avaliação dos problemas de Leitura: Os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas, Jaques Gregori e Bernadette Piénart; Trad. Maria Regina Borges Osório. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JOLIBERT, coord. Jossite; trad. Bruno C. Magne. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JOLIBERT, Jossete. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Angela. Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura. 5 ed. Compinos, São Paulo: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. Ática, 2001.

PÉREZ, Francisco Carvajal. Ensinar ou aprender a ler e a escrever. Porto Alegre: editora Artmed, 2001.

RUÍZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 4 ed, São Paulo: Atlas, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, 1948. Elementos de Pedagogia da leitura. 3 ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Texto e Linguagem).

SILVA, Maria Alice S. Souza. Construindo a leitura e a escrita. 3 ed. Ática, 1991.

SMITH, trad. Beatriz Affonso Neves, ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.